

A RECITA EM BENEFICIO DE VALLE

# SENHAS BURGUEZAS



MOURA CABRAL



O DOCTOR SOVINA - ENTREMEZ

RATHEL BOPPALLO IM LER

Não ha bella sem senão; e a peça de Moura Cabral não podia deixar de tel-o. Na primeira representação o final do terceiro acto ficou prejudicado com um foguete que não estoirou. Para evitar a repetição de semelhante incidente, a empresa providenciou logo no dia seguinte fazendo aquisição d'um foguete que nunca falhou... no tribunal da Boa Hora.



## A SEMANA

Nada menos de quatro acontecimentos de vulto: um litterario, um industrial, um zoologico e um politico.

O litterario deu-se no theatro do Gymnasio em a noite do beneficio do Valle.

Moura Cabral, o auctor festejado em um numero rasoa-vel de composições originaes, avança a passos de Rapp na conquista da opinião publica — em geral tão avessa a apreciar, quando disposta a depreciar, tudo que lhe cheira a obra nacional.

As *Scenas Burguezas*, que não constituem decerto um chefe d'obra em questão de produções theatraes, são contudo uma interessante e engraçadissima comedia, com tres actos cheios de vida, e de phrases subidamente mordases, e de situações deliciosas de verdade comica, com que o expectador ri abertamente as suas duas horas bem puxadas, apanhando ainda por contrapeso e sem que o sinta uma excellente lição de moral que muito lhe póde aproveitar para governo da sua vida futura...

D'esta vez o publico, saindo dos seus habitos de reserva habitual, applaudiu francamente a peça do nosso estimado collega, o que não foi favor nenhum, tendo entretanto a alta significação de que as nossas platéas comecem, se bem que tarde, a fazer justiça ás obras portuguezas, quando boas, o que nos leva a felicitar não só o auctor pela sua produção como tambem o publico pelo seu bom senso.

O *Doutor Sovina*, representado n'essa mesma noite, foi uma resurreição do melhor bom gosto. A empresa e os artistas esmeraram-se em reproduzir com todo o rigor tanto o scenario como os vestuarios e a caracterisação dos typos com que aquella peça foi representada no começo d'este seculo.

Silva Pereira, que a esse tempo fez o papel do *tatebitate*, disse-nos que O *Doutor Sovina* estava por tal fórma representado e postø em scena que lhe fazia recordar com saudades os bons tempos dos seus trinta annos!

Na representação d'este entremez houve um qui-pro-quó engraçado. Quando entrou o personagem *Masorro*, Valle pronunciou-lhe o nome de tal fórma que a maior parte dos espectadores entenderam dizer *Basorra*.

— Entre, senhor *Basorra*!...

— Sente-se, senhor *Basorra*!...

N'este ponto é que o publico viu que estava enganado; o homem sentou-se; logo, não podia ser o senhor *Basorra*...

*Quem tem rabo não se assenta...*

\*

\* \*

O acontecimento industrial foi a chegada do nosso amigo Feliciano Bordallo Pinheiro, que regressou do Brazil, onde percorreu os centros mais importantes, na aquisição de accionistas para a grande *Fabrica de Faianças* que a empresa Bordallo Pinheiro, coadjuvada por subido numero dos nossos primeiros capitalistas, vae brevemente construir nas Caldas da Rainha.

O acolhimento que o nosso amigo obteve n'aquelle imperio foi ainda além das suas arrojadas previsões, podendo aferir-se por elle que o desenvolvimento artistico d'aquelle ramo de industria attingirá proximamente entre nós importancia ainda superior á que já o tornou notavel nos tempos do marquez de Pombal, e que em poucos dias veremos conhecidos e apreciados na Europa os nossos productos ceramicos, então porventura em rivalidade com as mais finas faianças de Saxe.

O acontecimento zoologico foi a exhibição, no Coliseu dos Recreios, da *Mulher Tigre*. Este extraordinario phenomeno, com cara de mulher mansa e corpo de animal bravio, tem attrahido áquelle circo não só o povo de Lisboa como o de dez leguas em redondo.



Quando a pobre rapariga sobe ao tablado, os espectadores, (delicadamente convidados nos programmas a tomarem logar no picadeiro), descem sem escrupulo e rodeiam o phenomeno crivando-o de perguntas e de beliscões, porque a divisa do indigena é ver e crer como S. Thomé — e apalpar ainda por cima. Em seguida a victima desce do tablado e percorre todo o circo pelas cadeiras, pelos camarotes e pela geral, sempre com o sorriso nos labios apezar das chufas que lhe dirigem, o que parece demonstrar que, não obstante carregada de pello, não tem nada de *pelluda*; e todos se acercam, e todos lhe fallam, e todos a depenicam ao ponto de que, se a exposição durasse mais de tres noites, a desgraçada rapariga deixava de ser *pelluda*, para ficar simplesmente *pellada*...

O que verdadeiramente nos encheu de jubilo foi a revelação que a *Mulher Tigre* nos fez, não verbalmente mas pelas dimensões do ventre...

Deus queira que ella se demore entre nós para termos uma ninhada de tigrinhos, porque o unico tigre que possuíamos está velho e era uma pena se se acabasse a raça...

\* \*

Quanto ao acontecimento politico queiram ter a bondade de ler a excelente chronica do nosso espirituoso collega *Justus*; é elle quem presentemente puxa no *Antonio Maria* os cordelinhos do theatro parlamentar, para o que deveras tem dedo especial. Pela nossa parte, como Pilatos no credo, lavamos as mãos da politica — o que fazemos com muito prazer. Com muito prazer e com muito sabão de potassa.

PAN.





## NO PAIZ DO SYNDICATO

Eu quero fazer um dia uma chronica côr de rosa, onde chilreiem os passaritos mais azues e mais vivos, como um bando de anjos nas ornamentações de um côro antigo. Para isso tenho de fazer uma longa viagem, pela India, em procura das plantas mais perfumadas, pela America, buscando os colibris mais tenros, pela Africa, arrancando áquellas grandes noites de luar os raios mais quentes, mais translucidos, mais palpitantes que fuzilam de crystaes as aguas dormentes dos grandes lagos silenciosos. Hei de percorrer os mais opulentos bazares de Pera e recolher e escolher uma a uma, fio a fio, as perolas mais puras, vindas de lá, do Oriente, onde as bailadeiras morrem, estorcendo-se como cobras, bebendo a gota côr de aljofar do hatchis. Da Persia, as tapessarias sedosas como a pelle das mulheres morenas, da China, os setins irritantes, quebradiços, azulados, como a pelle das mulheres brancas — eis o que eu hei de mandar vir para essa festa: da Italia, as gargantas mais melodiosas e um doce pintor sympathico que, com o seu pincel mais veludado, suba á fachada d'estas chronicas, apague o seu titulo de guerra e escreva a azul e a oiro *No paiz dos beijos*.

Ah!... é que eu tenho de tratar um dia um bello assumpto para o espirito dos artistas, para todos aquelles que sentem a alma trespassada por um raio de luar mysterioso. Nós todos que escrevemos, que pintamos, que cantamos, nós todos que vivemos na esphera idealista da Arte, temos uma grande divida de gratidão a pagar a cinco gentilissimas mulheres, certamente creações archangelicas, sublimes, d'estas que Deus vae semeando pela terra nas tepidas madrugadas de maio, para dizerem ao eterno Romeo: «Queres deixar-me, já? ainda não apparece o dia; a voz que tu escutas, sobresaltado, não é a da calhandra, mas a do rouxinol que canta, á noite, lá em baixo sobre a romanzeira. Crê, meu amôr, é o rouxinol...»

E qual é o artista, e qual é o poeta, e qual é a alma moça, entusiasta, que não responda a essa doçura dos labios: «Embora me surprehendam aqui, embora me assassinem, ficarei contente já que assim o queres. Direi contigo que aquella tinta clara não é o olhar da madrugada, mas o pallido reflexo da fronte de Cynthia, e que não é a calhandra que enche com os seus canticos a abobada dos céos, tão alta acima de nós. O meu desejo de ficar é bem mais forte que a minha vontade de partir. A morte será bemvinda se tu o queres, Julietta: Que dizes tu, meu amor? conversemos; não é dia ainda...»

Era para um assumpto d'esta sublimidade que eu queria os bellos diamantes e o formoso luar da Africa, as tapessarias da Persia e o pequeno pintor delicioso, vindo da Italia encantadora. O homem do Porto é um mercador; a mulher do Porto é uma entidade sublime, lançada sobre a rude cidade do Douro, como uma violeta que brotasse, espontanea, sobre um rochedo. Emquanto nós, os fortes, vendemos o azeite, o assucar, o vinho; ella vive na perpetua fragrancia das almas escolhidas, destacada d'este valle de lagrimas por todo o abysmo que separa um beijo de mulher de uma letra de cambio. Aproximação d'estes extremos dá-se, eu bem o sei; mas dá-se em toda a parte, menos no Porto. Aqui a mulher é que é o repositório do sentimentalismo do bello. Quando o homem, carregado de pó e vilissimo de suor, volta para casa, ás quatro horas, ha lá dentro, na frescura das camaras aceiadas um cantico alegre de cotovia venturosa, traduzindo a felicidade simples das almas singelas. Subindo nas camadas sociaes, é ella ainda o tom, a graça, a gentileza, o bello. O aristocrata

do Porto é um producto horrivel de lavrador e de homem economico. É aquelle que faz menos despezas, em dinheiro, em espirito, em ideias. No emtanto a mulher é espirituosa, delicada, entusiasta. Vae ás sessões de musica de camara, aos sermões quaresmaes de S. João Novo, ás recitas extraordinarias, ama occultamente sempre alguem que não aquelle que ella devia amar santamadreegrejamente. Ás vezes a sua acção beneficente chega a salvar o nosso burgo de um ridiculo atroz. Um facto entre muitos.

Quando aqui esteve Ernesto Rossi, o sublime interprete de Shakespeare, o theatro encheu plenamente os seus camarotes com as mais formosas senhoras portuenses. Havia em toda a sala um ar pschut, satisfeito, porque era necessario agradar ao fascinador talento que devia representar Romeo. Emquanto na plateia a nossa mocidade esperançosa lia o *argumento* do *Frei Luiz de Souza* (venderam-se á porta 145 exemplares!) emquanto os nossos elegantes fallavam em voz alta, dizendo labreguices, as gentis filhas do Porto acompanharam com um interesse, com uma paixão brilhante todos os cambiantes dramaticos do entrecho, ora sorrindo no vôo de uma idéa graciosa, ora cerrando sobre os olhos as veludadas cortinas das suas sobranceiras arqueadas.

No dia seguinte aquelle em que Ernesto Rossi, n'um bello momento dramatico, se deixou morrer sob o corpo de Julietta, o artista sublime recebeu cinco cartas anonymas, perfumadas, escriptas a uma lettra miudinha e nervosa, perfumadas de beijos e illuminadas de sorrisos apaixonados. Oh! sublimes creaturas que applaudistes com o ceo das vossas caricias o representante immortal da grande Arte! Vós sois a emanção mais pura da primavera dos corações bem formados; o clarão mais limpido das estrelas mysteriosas que vivem occultamente no meio da sociedade feminil! Todo aquelle que se sente preso ás grinaldas multicores do Bello, todo aquelle que admira as magas scintilações do luar e as fulgurações rutilantes do talento, ficar-vos-ha prestando a homenagem mais calorosa e mais viva. Assim como vós depozestes sobre a fronte do artista o beijo sem macula do vosso entusiasmo, eu — em nome do *Antonio Maria*, o artista — lanço sobre o vosso colo formosissimo aquellas perolas mais puras, compradas com cuidado nos ricos bazares de Pera e colhidas por um cyngalez entre duas ondas batidas do perfumado luar das Indias.

JOÃO BRÔA.



Visconde do Cavacão  
Visconde de Ferrabraz.  
Tem juizo, meu rapaz,  
Accomoda-te, leão.  
Leva as cousas com mais geito,  
Não puxes tanto do peito  
Que estragas a digestão.  
  
Não te faças Rosalino  
Qu'rendo endireitar o mundo,  
Não sejas tão iracundo,  
Accomoda-te, menino,  
Accomoda-te, Moreira...  
Toma chás de laranjeira  
Ou de casca de pepino.



## DESENHO ETRUSCO

### UM EPISODIO DA CAMARA DOS PARES

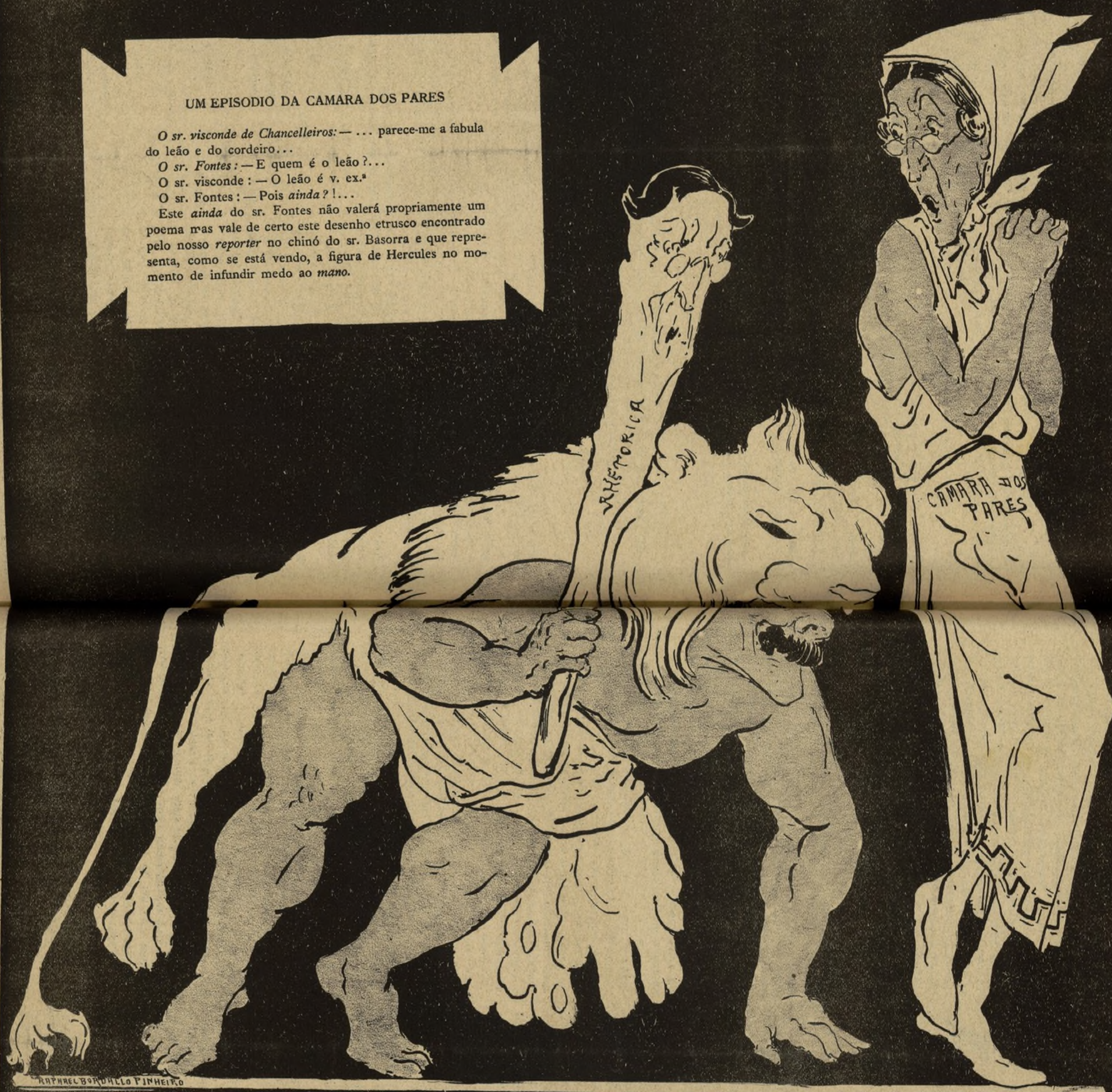
O sr. visconde de Chancelleiros: — ... parece-me a fabula do leão e do cordeiro...

O sr. Fontes: — E quem é o leão?...

O sr. visconde: — O leão é v. ex.<sup>a</sup>

O sr. Fontes: — Pois ainda?!

Este *ainda* do sr. Fontes não valerá propriamente um poema mas vale de certo este desenho etrusco encontrado pelo nosso *reporter* no chinó do sr. Basorra e que representa, como se está vendo, a figura de Hercules no momento de infundir medo ao *mano*.





Não seas tão violento,  
Visconde de Brutamontes,  
Não nos dês cabo do Fontes  
Faze-te mais pachorrento.  
Para acalmar a quisilia,  
Porque não usas a tilia  
E os banhos mornos de assento!

Visconde de Rosembruto,  
Visconde Von de Moreira,  
Junior de Fafe Ferreira,  
Mello Cavacão arguto,  
Trazes frouxos de eloquencia;  
Isso assim é uma indecencia;  
Porque não tomas bismutho?

ZUPA.

### SEMANA PARLAMENTAR

Emquanto os nobres engelhados da camara alta se divertiam com a *blague* mais risonha da politica da nossa terra — o projecto das reformas — o sr. Hintze Ribeiro obtinha, na camara dos deputados, authorisação para contrahir um novo emprestimo, para consolidação da divida fluctuante! Em cavaqueira de familia e apenas depois de leves reparos d'alguns financeiros, chegou-se á conclusão de que o emprestimo é util e que... só quem empresta é que não melhora. O actual ministro da fazenda, erecto, sombrio, a dextra no peito, a sinistra em movimento, jorrando palavras e informações com prodigalidade assombrosa e espalhando lisonjas sobre a vaidade dos adversarios, parecia um pouco contrariado... por não ter pedido trinta e seis em vez de dezoito mil contos...

E podia pedir, que não cahiria por tal motivo.

O sr. Hintze quer avance, ou recue, quer suba ou desça, quer danse ou pulle, não pode, não sabe, não consegue cahir!

Aquillo não é homem, é um boneco de sabugo!



Dá-se-lhe na cabeça com força, e elle inclina-se, e, mal toca no chão, ergue-se de novo, direito como o Augusto Ribeiro.

Aquillo é... como as molas d'um sofá.

A gente vae-lhe para cima, com todo o abandono d'um corpo pesado e lasso, e ellas descem parecendo querer tocar o tapete; mas, mal nos erguemos, espreguiçam-se de novo dando ao movel a elegancia primitiva.

Aquillo é como uma pella de borracha.

A gente arremessa-a ao sobrado, e ella pulla ao tecto, e volta ao chão, e sobe ao ar, n'uma convulsão de elasticidade que não podemos acompanhar com a vista nem deter com a mão.

Idenficou-se com o poder e não ha forças humanas que de lá o arranquem. A reforma de engenharia, o tratado de Salamanca e o tratado de Torres, são cousas pegajosas, lá isso são; mas, por isso mesmo, o grudam, o collam, o prendem.

Mal comparádo, aquelle rapaz segurou-se ao governo, como a ostra se segura á casca.

A industria falsificadora inventou ostras artificiaes, e dizem os especuladores que só lhes falta obter a colla que as prenda; o sr. Hintze descobriu o segredo, e com elle lá está seguro á casca que é mesmo um regalo. Não revela o segredo, e faz bem; nós já sabemos que, sendo a gomma de polimento e não tendo o ministro casca grossa a ligação é mais facil.

Ora vejam esta procissão de cahidos.

Cahiram o Sampaio, o Lopo Vaz, o Serpa, o Thomaz Ribeiro, o Mello Gouvea, o Julio Vilhena; levanta-se outra vez o Lopo, e nasceram o Bocage, o Chagas e o Aguiar e o Barjona; e o Hintze sempre ministro.

A pertinacia do homemsinho é tal que já nos lembrámos de aconselhar á opposição uma tintura de mercurio e aguardente de quarenta grãos.

Ha ministros para quem as opposições podem apenas empregar uma proclamação ás galerias ou um comicio na praça publica; ministros como o sr. Hintze introduzem-se na epiderme do paiz — é indispensavel tiral-os a um por um, e com alfinete... como o burrié.

Agora só nos falta ver uma cousa: é cahir o Fontes — e ainda ficar o Hintze.

É peor do que um *commis voyageur* carregado de amostras de fazendas. Eu li algures que o *commis voyageur*, lançado pela janella fóra, atacava-nos pela porta a impingir amostras de *para-quedas*, bonitos, baratos, *haute nouveauté*.

O sr. Hintze tem esse feitio, e se o Xavier de Novaes não tivesse feito epigrammas a uma mulher feia, teria que fazel-os a este ministro chronico:

e depois dos mundos ao cabo

.....

mais mundos, que elle cá está.

Com esta vida só conhecemos — em ministros, o Cochery — e em animaes, o sapo.

Se o sr. Hintze não cae aos primeiros tratados e aos primeiros emprestimos, tambem o sr. Fontes não cede aos primeiros discursos.

O sr. Fontes está como os novos phosphoros suecos — *the vulcan safety flaming* — depois de acceso não se apaga por mais que o soprem e o agitem.

Embora os adversarios se movam, elle está firme, embora elles se exaltem, elle está sereno; ter razão ou não ter é para S. Ex.<sup>a</sup> questão secundaria — o que S. Ex.<sup>a</sup> quer é ter a *linha*.

Emquanto Deus, a circassiana e o alfayate lhe derem força na espinha, negrume nos cabellos, e sobre casaca elegante, não se arreceia da rethorica, nem dos desacordos, nem dos adiamentos.

Fallando, discute; mas pintado, convence.

Basta ouvil'o.

Escasso nas razões, prodigo nos louvores, igual na inflexão e reservado nas affirmativas, parece conhecer e possuir um novo instrumento de precisão o — *parlamento metro*.

Basta vel'o!

Busto firme, cabeça altiva, olhar sereno, com um braço apoiado nas nadegas arqueadas e outro erguido e agitado, mostra constantemente ao auditorio que s. ex.<sup>a</sup> tem um dedo precioso.



Pelo que diz o orador, percebe-se que não pode furar paredes; pelo que mostra revela possuir um fura bollos.

Pelo que diz, s. ex.<sup>a</sup> é avesso ao estudo das questões, e, pelo que mostra, prova que, pelo menos, *tem dedo* para as tratar.

A eloquencia de s. ex.<sup>a</sup> contrasta com a dos seus adversarios.

Em quanto discursam, o sr. Fontes não descalça a luva, o sr. Canchelleiros descalça-a e conserva-a, e o sr. Moreira de Rey dá com ella nas bochechas da auctoridade.

O sr. Moreira de Rey não faz um discurso, faz um banzé;

não combate um projecto, varre uma feira. Os argumentos de sua ex.<sup>a</sup> teem

*ponteira de chifre ou de ferro  
e moleta de chumbo oitavada*

Sua ex.<sup>a</sup> não bebe agua, cospe nas mãos.

Ao começar, o orador parece dizer — *esperem que já os arranjo*; — a meio diz talvez — *com mil diabos* — e no fim é fatal — *que raios os partam*.

N'este genero de rhetorica contam os annaes parlamentares apenas dois oradores de nomeada... o Thomaz Jorge e o José Maria Saloio.

JUSTUS.

# UMA VIAGEM AO AMAZONAS




*Maria de Frias*

Uma viagem ao Amazonas, por Sanches de Frias, é um soberbo volume de instrução, sem a fôrma pesada e o estylo quasi sempre massante d'aquelle genero de livros. Quem lêr a *Viagem ao Amazonas*, por maior que seja a aversão que tenha pelo estudo, ha-de forçosamente aprender, porque as descripções curiosas, as anedoctas interessantes, por tal fôrma se multiplicam e succedem prendendo a imaginação do leitor que este apenas se julgaria satisfeito ao lêr a ultima pagina, se não fôra a pen<sup>a</sup> que experimenta por não estar ainda na primeira.

## FIGURINOS DOS PRINCIPAES «COSTUMES» DO «CARDEAL DE RECHELIEU»

DESENHOS DEDICADOS A CARLOS COHEN



Ao favor de uma das nossas primeiras artistas dramaticas devemos o prazer de publicar estes preciosos figurinos, desenhados pela elegante mãosinha d'aquella distincta actriz.



## CORRESPONDENCIA DE SANTAREM

(SALA DAS SESSÕES DA COMISSÃO PHYLLOXERICA)



Uns cinco ou seis,  
De espada e estoque  
P'ra a lucta promptos,  
'stão em congresso ;  
Batalha Reis,  
O Marggiochi,  
Mais outros pontos  
Que eu não conheço.

Co'aquelles sabios  
Da synagoga,  
De dar em droga  
Não temos risco ;  
Pois vamos vêr  
— E já quem dera —  
O phylloxera  
Desfeito em sisco.

Fallam chinez,  
Fallam sãoskripto,  
Como um padrega  
Fallam latim !  
Ai ! d'esta vez,  
Morre o maldito,  
Co'o pó que secca  
Perlimpimpim...

Eu torno publica  
A gloria sua  
Pondo-os da lua  
No carrapicho...  
Sejam bemditos  
Se acaso vem  
A Santarem  
Matar o bicho...

PAN.

DELA COPIA RAPHAEL BORDALU PINHEIRO